

8.

A criança: sua natureza, suas necessidades, seu potencial

BETTY BACON

As qualidades positivas e as negativas da criança aparecem no vocabulário, nos relatos de incidentes e nas advertências contidas em toda a Bíblia. Por isso devemos observá-la de forma mais atenta. Consideraremos o que caracteriza a criança em si e como suas qualidades são utilizadas no ensino bíblico. Por *criança* refiro-me a todas as fases de crescimento — desde o nascer (e até antes) até a idade adulta.

“Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá” (Sl 127.3). É verdade que, na prática, as responsabilidades às vezes parecem ofuscar a recompensa. Os filhos precisam de sustento material, moral e espiritual. Trazem problemas e preocupações. Quanto custou aos pais criar Sansão, adolescente travesso que só arrumava problemas! (Jz 13-14). Acontece, porém, que a mesma graça de Deus que os põe no mundo está disponível para esse sustento. Os filhos são herança para a família, para a igreja, para a nação. E as crianças que nascem de um estupro ou fora do casamento? Ou que nem sabem quem são seus pais? Na Bíblia temos Jefté, expulso da família pelas circunstâncias do seu nascimento, mas que pela graça de Deus se tornou salvador da pátria (Jz 1.1). Conheço alguns brasileiros que tiveram experiências de rejeição semelhantes às de Jefté, e que hoje são uma bênção no meio profissional e nas igrejas. Um menino de rua se converteu, estudou, e veio a ser um dos principais gerentes de uma grande firma internacional. Todos os dias faz um culto rápido com café da manhã para todos os funcionários. Outro, que nem sabia quem era seu pai, e que deu muito trabalho para os parentes que o criaram, aceitou a

Jesus como Salvador e Senhor aos 12 anos e hoje é um conhecido teólogo e professor de Bíblia.

O Salmo 127 é uma lição de valores. As pessoas são mais valiosas do que os bens. São a herança da qual prestaremos contas.

Essa herança não inclui apenas nossos filhos carnais. São todos os que precisam receber de nós o cuidado e o carinho que nunca tiveram dos pais ou da família. O *órfão* do Antigo Testamento é *<oty o 'yatom'* – o solitário e privado de pai. Os órfãos, os meninos de rua, e aqueles cujos pais os abandonaram ou rejeitaram, carecem da oração e dos cuidados dos servos do Senhor. Pois o próprio Senhor se preocupa com suas necessidades e temos de compartilhar as preocupações de nosso Pai celestial. “Não prejudiquem as viúvas nem os órfãos; porque se o fizerem, e eles clamarem a mim, eu certamente atenderei ao seu clamor” (Êx 22.22-23); “Tu és o protetor do órfão” (Sl 10.14); “Tu amas o órfão” (Os 14.3). (Veja também Zc 7.10; Ml 3.5; Sl 68.5; Sl 146.9 e Pv 23.10-11.)

Jó analisou sua vida para ver se existia algum pecado que fosse a causa do seu terrível sofrimento. Entre outras práticas louváveis, cita seu cuidado para com crianças necessitadas. “Eu socorria o pobre que clamava por ajuda, e o órfão que não tinha quem o ajudasse” (Jó 29.12). Essa era a atitude esperada de alguém que o próprio Senhor definia como “irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal” (Jó 1.8).

Na lei de Moisés, parte do dízimo se destinava aos órfãos. “Quando tiverem separado o dízimo de tudo quanto produziram no terceiro ano, o ano do dízimo, entreguem-no ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que possam comer até saciar-se nas cidades de vocês” (Dt 26.12). Era direito deles pegar o que fosse deixado no campo, no olival ou na vinha (Dt 24.19-21). De acordo com a mesma lei, eles tinham direito à justiça (Êx 22.22; Dt 10.17-18); quem lhes negasse a justiça cairia sob a maldição de Deus (Dt 27.19 – compare com Jó 24.3, 9). Os profetas clamaram contra as injustiças praticadas contra eles. “Ai daqueles que fazem leis injustas, que escrevem decretos opressores, para privar os pobres dos seus direitos e da justiça os

oprimidos do meu povo, fazendo das viúvas sua presa e roubando dos órfãos!” (10.1-2). (Veja Is 1.17, 23, Jr 5.28, Jr 22.3, Ez 22.7 e Ml 3.5.)

O descuido nessa área era uma transgressão tão grande que estava entre aquelas que desencadearam o exílio da pátria prometida aos patriarcas de Israel (Zc 7.10-14) e a perda do trono da família real de Judá (Jr 22.2-9). Na lista de Malaquias, há ainda outros pecados incluídos:

Chegar-me-ei a vós outros para juízo; serei testemunha veloz contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o salário do jornaleiro, e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos (Ml 3.5).

E a capacidade espiritual da criança? A capacidade de captar verdades espirituais é uma das muitas qualidades da criança claramente expostas na Bíblia. O próprio Senhor Jesus a apontou:

Quando os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei viram as coisas maravilhosas que Jesus fazia e as crianças gritando no templo: “Hosana ao Filho de Davi”, ficaram indignados, e lhe perguntaram: “Não estás ouvindo o que estas crianças estão dizendo?”. Respondeu Jesus: “Sim, vocês nunca leram: ‘Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos suscitaste louvor?’” (Sl 8.2; Mt 21.16).

No Salmo se lê “Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador”. A diferença dos textos do Antigo e do Novo Testamentos é que provavelmente a citação no Novo Testamento é da versão da Septuaginta, que parafraseou “força” para facilitar o entendimento dos leitores gregos. A NVI traz “firmaste o teu nome como fortaleza”. O impressionante aqui é como o Senhor usa a palavra dos fracos e dependentes para anular a oposição dos adversários vingativos. No incidente do

templo, estes adversários seriam os fariseus e seus colegas; quem seriam no mundo de hoje?

As crianças e recém-nascidos do Salmo 8 são, literalmente, os que “mamam” e “chupam” (*llou 'olel' e qny 'yoneq'*). De todos os seres, são os que mais dependem do cuidado dos outros para o sustento e a sobrevivência. Davi entendia bem tal dependência e a paz de quem depende de Deus com toda a humildade:

Senhor, o meu coração não é orgulhoso e os meus olhos não são arrogantes. Não me envolvo com coisas grandiosas nem maravilhosas demais para mim. De fato, acalmei e tranquilizei a minha alma. Sou como uma criança recém-amamentada por sua mãe; a minha alma é como essa criança (Sl 131.1-2).

O recém-nascido precisa mamar. O cristão que acaba de nascer de novo deve ter fome e sede do alimento espiritual: “Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação” (1Pe 2.2). Ao crescer, a criança passa a comer comida mais forte, o que é normal. O mesmo princípio se aplica à vida espiritual:

Embora a esta altura já deveriam ser mestres, vocês precisam de alguém que lhes ensine novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido! Quem se alimenta de leite ainda é criança, e não tem experiência no ensino da justiça. Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal (Hb 5.12-14).

De todas as criaturas, as crianças e os recém-nascidos são as que mais dependem dos outros. Deus, porém, usa a fraqueza dos que dele dependem para vencer os fortes que se opõem. O magnífico Salmo 148 descreve o louvor de toda a criação. Começa com os coros celestiais, passa pelos reis e autoridades terrestres e chega até as pessoas mais humildes na terra: “Moços e moças, velhos e crianças.

Louvem todos o nome do Senhor, pois somente o seu nome é exaltado; a sua majestade está acima da terra e dos céus” (Sl 148.12-13). Aqui convém observar o equilíbrio do Espírito. Já vi igrejas onde as crianças estão ausentes de tudo. Não são disciplinadas. Não participam de qualquer ministério. Em outras, tem havido uma ênfase excessiva no ministério jovem e os idosos são praticamente excluídos. Na igreja ideal, isto é, bíblica, todos têm seu lugar, assim como no Salmo citado, e devem receber os cuidados prescritos pela Palavra.

Quando o Espírito Santo vem, cada grupo recebe a bênção de acordo com sua idade: “Os jovens terão visões, os velhos terão sonhos” (At 2.17). Recebem conselhos sobre como atuar ao reagirem a essas visões. “Da mesma maneira, encoraje os jovens a serem prudentes” (Tt 2.6). A expressão “da mesma maneira” inclui o aconselhamento dado aos jovens como parte importante do ensino da igreja como um todo. Ele é posto ao lado dos conselhos dados aos homens e mulheres mais velhos.

Jesus comentou a humildade da criança. Ela não vem a ele com segundas intenções, para parecer importante no reino de Deus.

Quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no reino dos céus. Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo. Mas se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar

(Mt 18.6; Mt 18.10-14).

“Os pequeninos podem ‘crer em mim’ — e ai de quem os desprezar!” Jesus chamou a si as crianças e disse: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas” (Lc 18.16). É notável também o desempenho de João Batista, que começou seu ministério profético no ventre da mãe. “Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o bebê agitou-se em seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo” (Lc 1.41). E Isabel comentou: “Logo que a sua saudação chegou aos meus ouvidos, o bebê que está em meu ventre agitou-se de

alegria” (Lc 1.44). Através da mãe que o carregava, esse bebê que nem havia nascido percebeu a realidade do Cristo de quem seria precursor e cantou louvores a Deus pela revelação concedida.

No Antigo Testamento encontramos os pequeninos, no hebraico os *lʿf ʿtaf*, talvez definidos assim pelo andar com passos curtos (veja o inglês *toddlers*). Apesar do tamanho, estão incluídos como elementos integrados na comunidade, e junto com seus pais ouvem a palavra de Deus (Dt 29.11; Dt 31.12; Js 8.35; veja Sl 148.12-13). Lemos também que “Esdras trouxe a Lei diante da assembleia, que era constituída de homens e mulheres e de todos os que podiam entender” (Ne 8.2-3; Ne 10.28). E entendimento começa bem cedo!

Encontramos também os fracos, os *Er ʿrak*. Quando Jacó teve o famoso reencontro com o irmão Esaú, este sugeriu que o acompanhasse (com toda aquela gente armada!) até chegarem no monte Seir. A resposta é interessante: “Jacó, porém, lhe disse: ‘Meu senhor sabe que as crianças são frágeis (*rak*) e que estão sob os meus cuidados ovelhas e vacas que amamentam suas crias’” (Gn 33.13-14). Essa fragilidade muitas vezes descreve aquilo que é tenro, vulnerável por estar em crescimento e que ainda não alcançou a maturidade. Caracteriza o “renovo tenro” do alto do cedro em Ezequiel 17.22. A palavra é usada para se referir à inexperiência de Salomão diante da enorme tarefa de construir o templo. “Davi pensava: ‘Meu filho Salomão é jovem e inexperiente (*rak*)’” (1Cr 22.5; 29.1). Felizmente, o próprio Salomão aceitou a avaliação do pai e pediu sabedoria a Deus. Sobre o caráter de Roboão no início de seu reinado, o cronista fala que, literalmente, ele era “jovem, frágil (*rak*) de coração” (2Cr 13.7). Sendo frágil, Roboão foi influenciado pelos colegas e tomou decisões erradas que acabaram dividindo o reino.

As implicações disso para as crianças em nossa família, igreja e nação, são várias. Jacó não exigia dos pequeninos mais do que podiam suportar. O apóstolo adverte quanto ao perigo de dar uma grande responsabilidade cedo demais a quem ainda é novo em Cristo. O presbítero “não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o Diabo” (1Tm 3.7). Davi, embora não pudesse construir o templo, fez de tudo para instruir e apoiar o filho a

quem Deus escolhera para a tarefa, levando em conta as carências dele e fazendo de tudo para supri-las.

O “renovo tenro” precisa de proteção e direção. Nos lares de hoje, as crianças e adolescentes são expostos a múltiplos perigos, como a desunião dos pais, a corrupção via internet e mídia, a falta de convivência sadia entre pais e filhos por causa das exigências do trabalho ou do estudo, e às vezes até a participação demasiada nos trabalhos da igreja. E imagine o quanto falta aos “renovos tenros” criados na rua, doutrinados por outros moradores de rua; ou às crianças cujas mães estão encarceradas.

Outros renovos tenros que foram prejudicados pelo ambiente corrompido em que cresceram foram os meninos de Betel. “Eliseu foi para Betel. No caminho, alguns meninos que vinham da cidade começaram a caçoar dele, gritando: ‘Suma daqui, careca!’ Voltando-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome do Senhor. Então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois meninos” (2Rs 2.23-24). Esse juízo terrível atingiria não só os meninos, mas também seus pais, com quem sem dúvida aprenderam essas atitudes desastrosas. Na Ásia, meninos muçulmanos de oito e nove anos já recebem treinamento para serem terroristas. Alguns são ganhos para Jesus, mas muitos crescem para praticar ataques suicidas.

Nas ruas de hoje a vulnerabilidade é ainda maior. Não afeta apenas os meninos de rua sem lar, mas também os que ficam na rua durante todo o tempo livre, em contato com traficantes e outros marginais. É o caso de alguns meninos de Niterói, filhos de prostitutas, que não podiam entrar em casa enquanto as mães recebiam os “fregueses”. A vulnerabilidade afeta meninos que são mais disciplinados pelos colegas de escola do que por pais cristãos. Alcança os que estão presos em instituições por diversas infrações e que podem aprofundar-se no crime e na prostituição por causa do contato com colegas mais velhos e experientes.

O renovo precisa de orientação para crescer direito, para alcançar a maturidade desejada. Ele precisa de espaço psicológico para crescer. “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles” (Pv 22.6). A planta está madura quando começa a dar frutos. A

pessoa está madura quando é capaz de, sozinha, tomar decisões morais corretas (“os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal” – Hebreus 5.14). Muitos pais são incapazes de orientar os filhos adolescentes porque eles mesmos ainda são adolescentes com problemas psicológicos. Outros, diferentes do pai do filho pródigo, não deixam espaço para as crianças tomarem as próprias decisões. O renovo precisa de espaço para se desenvolver, tanto psicológica quanto espiritualmente.

O Antigo Testamento alerta também para a melhor maneira de transmitir a grandeza de Deus aos mais novos. “Quando os seus filhos lhes perguntarem: ‘O que significa esta cerimônia?’, respondam-lhes: É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou sobre as casas dos israelitas no Egito e poupou nossas casas quando matou os egípcios” (Êx 12.26; Êx 13.14). “Disse ele aos israelitas: ‘No futuro, quando os filhos perguntarem aos seus pais: ‘Que significam essas pedras?’, expliquem a eles: Aqui Israel atravessou o Jordão em terra seca” (Js 4.21-22). Aproveitem ao máximo a curiosidade natural da criança.

No Antigo Testamento, o termo *run na’ar* também é usado para referir-se às crianças. E ele tem uma variedade de significados. Foi usado quando Moisés, com 3 meses de idade, chorava no cesto no rio Nilo (Êx 2.6). Quando Jeremias, ao ser chamado para o seu difícil ministério, afirmava a impossibilidade de aceitar a tarefa: “Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem (*na’ar*)” (Jr 1.6). Foi usado para se referir aos adolescentes que já trabalhavam, mas que ainda não tinham uma posição ou uma autoridade de adulto na sociedade. José, quando jovem, estava nessa categoria. Quando “tinha dezessete anos, pastoreava os rebanhos com os seus irmãos. Ajudava (literalmente *era na’ar com*) os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai” (Gn 37.2). Foi usado para descrever os jovens espiões recebidos e protegidos por Raabe (Js 6.23). Josué era o moço assistente (*na’ar*) de Moisés, isto é, seu auxiliar (Êx 33.11). Samuel viveu sua infância como *na’ar* na casa do Senhor em Silo (1Sm 2.18). O profeta Isaías foi irônico na resposta ao rei Ezequias, quando ele pediu orientação diante das ameaças do general assírio: “Digam a seu senhor que assim diz o Senhor: ‘Não tenha medo das palavras que você ouviu, das blasfêmias que

os servos do rei da Assíria lançaram contra mim” (2Rs 19.6). Aqui *servos* é a tradução de *na’ar*, como significando: “Não tenha medo das blasfêmias desses meninos de recado”. E falava dos altos oficiais do poderoso exército, sem dúvida vestidos de gala! Na cultura da antiga Israel, o jovem, ou *na’ar*, tinha responsabilidades. Trabalhava. Aprendia, absorvendo aquilo que o tornaria mais útil como adulto, quando teria mais influência na sociedade que eventualmente se tornaria seu lugar definitivo.

Outro termo do Antigo Testamento para *criança*, e às vezes até para o jovem adulto, é *dly ‘yeled’*, algo “gerado” ou “dado à luz”. Seu uso, e o do verbo com o mesmo sentido, muitas vezes revela o papel de Deus no nascimento do ser humano, a forma como ele nasce e deixa uma prole. Graus diferentes do verbo são empregados conforme o seu sujeito: o pai “faz nascer” a criança (*hifil*); a mãe dá à luz (*qal*); a criança é o “nascido” (*nifal*); a parteira “cuida do nascimento” (quase sempre *piel*); e o nascimento é registrado (usando o *hitpael*). Trata-se de um nascimento, de deixar uma prole. As experiências das mulheres dos patriarcas, Sara e Rebeca, confirmam que o nascimento de uma criança é fruto da vontade soberana de Deus; como também seria o caso da mãe de Sansão, e mais tarde da mãe de Samuel (Gn 17.17, 19; Gn 25.21, 26; Jz 13; 1Sm 1-2). De fato, Deus já está controlando a situação antes mesmo do nascimento.

Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe. Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas! Digo isso com convicção. Meus ossos não estavam escondidos de ti quando em secreto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir (Sl 139.13-16).

É significativo o uso desse verbo nas genealogias, em que os filhos gerados faziam parte do plano mestre de Deus, tanto para povoarem a terra como para levarem o Cristo, que vem ao mundo como descendente de Adão, de Abraão e como “filho de Davi”. Nas genealogias, nem sempre “gerar” remete à geração

imediatamente anterior, como por exemplo, em Crônicas: “Mizraim gerou os luditas, os anamitas, os leabitas, os naftuítas, os patrusitas, os casluítas, dos quais se originaram os filisteus e os caftoritas” (1Cr 1.11-12). O mesmo parece acontecer no primeiro capítulo de Mateus, onde as “quatorze gerações” de Davi até o exílio babilônico omitem três reis que teriam ocupado o trono de Judá, sem por isso invalidar a ascendência do “Rei de Israel” (Mt 1.8; 1Cr 1.10-16). Os filhos (*yeled*) dos estrangeiros residentes na terra restaurada em Ezequiel merecem uma menção especial: “Distribuem essa terra entre vocês de acordo com as tribos de Israel. Vocês a distribuirão como herança para vocês mesmos e para os estrangeiros residentes no meio de vocês e que tenham filhos (*yeled*). Vocês os considerarão como israelitas de nascimento; junto com vocês, a eles deverá ser designada uma herança entre as tribos de Israel” (Ez 47.21-22). Baseado nisso, é possível inferir que toda criança nasce porque Deus quer, para um propósito já definido por ele, e com direitos que devem ser respeitados.

Finalmente, quais as qualidades necessárias nos que procuram ajudar as crianças? Elas podem ser encontradas nas atitudes de Deus Pai, na maneira como ele estabelece e nutre o relacionamento com seus filhos. Ele nos inclui na família. Somos aceitos. “Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade” (Ef 1.5). Dá-nos o seu Espírito para confirmar isso, pois “O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.16). Tem alvo definido. Quer “levar muitos filhos à glória” (Hb 2.10). Para tanto, disciplina seus filhos: “Deus nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da sua santidade” (Hb 12.10). Como Pai do filho pródigo, e do irmão deste, Deus dá um belo exemplo. Ele abre mão da sua tremenda dignidade para nos receber e nos restaurar. Dá liberdade para tomarmos decisões sem sermos obrigados a tanto. Ao errarmos, faz de tudo para nos trazer de volta, pagando um alto preço para possibilitar esse retorno. Orienta nossas atitudes tantas vezes defeituosas para com os irmãos. Haja vista as implicações de “esse teu filho” contra “este seu irmão” (Lc 15.30, 32). Quer comunhão e comunicação conosco. “Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1.3). Se pela graça de Deus imitarmos as

atitudes e ações desse Pai, seremos bem-sucedidos em nosso ministério junto aos pequeninos e os jovens.

Betty Bacon nasceu em 1927, perto de Oxford, na Inglaterra. Bacharelou-se em língua e literatura inglesas na Universidade de Londres. Chegou ao Brasil em 1951 como missionária da Latin Link. Lecionou hebraico e Antigo Testamento em vários seminários brasileiros e participou da tradução da Bíblia NVI.